

NEOLOGISMOS LEXICAIS E ASPECTOS LÚDICOS EM OBRAS LITERÁRIAS CONTEMPORÂNEAS PARA CRIANÇAS E JOVENS

Solange Maria Moreira

RESUMO

O principal propósito do estudo aqui apresentado é o de demonstrar a função lúdica do neologismo especificamente em três produções literárias brasileiras contemporâneas para crianças e jovens: *Marcelo, Marmelo, martelo e outras histórias*, de Ruth Rocha (1999); *Clave de lua*, de Leo Cunha (2001) e *Pequeninha*, de Mirna Pinsk (1998). As breves reflexões tiveram como propósito atizar a curiosidade de leitores e professores para uma das particularidades da língua – a criação neológica – e oferecer mais uma possibilidade de leitura dos textos de ficção na sala de aula. Por outro lado, buscaram ainda comprovar que tais inovações contribuem fortemente para a ampliação vocabular de leitores iniciantes, tanto na linguagem falada quanto na linguagem escrita, além de demonstrar como o trânsito dos novos itens lexicais nelas encontrados reforça uma das principais contribuições dos neologismos para a literatura: dar dinamismo ao texto por seu caráter lúdico e bem humorado. Assim, foi possível realçar um dos elementos básicos da poética contemporânea – a renovação lexical – que se realiza na tessitura textual por meio da valorização dos recursos oferecidos pela língua e, a partir dela, sugerir uma nova possibilidade de trânsito dos estudos linguísticos e da literatura na escola.

Palavras-chave: neologismo – literatura - ludismo

ABSTRACT

The main purpose of this study is to demonstrate the role of playful neologism specifically in three Brazilian contemporary literary productions for children and young people: *Marcelo, quince, hammer and other stories* by Ruth Richards (1999), *Clave de moon*, Leo Cunha (2001) and *Pequeninha* of Mirna Pinsk (1998). The brief comments were aimed at stirring up the curiosity of readers and teachers of a particular language - the creation neologism - and offer another possibility of reading fiction in the classroom. On the other hand, has sought to show that these innovations contribute greatly to the expansion of vocabulary of beginning readers, both in spoken and written language, and demonstrate how the transit of new lexical items found in them enhances one of the main contributions of neologisms to literature: to give dynamism to the text for his playful and humorous. Thus it was possible to highlight one of the basic elements of contemporary poetics - the replacement lexical - taking place in the fabric of the text by utilizing the resources offered by language and, from there, suggest a new possibility of transit of language studies and literature school.

Keywords: neologism - literature – playfulness.

Introdução

As reflexões aqui propostas fazem parte de um estudo ainda recente e têm como objetivo apontar e analisar algumas formações neológicas presentes em três produções literárias brasileiras contemporâneas para crianças e jovens: *Marcelo, Marmelo, martelo e outras histórias*, de Ruth Rocha (1999); *Clave de lua*, de Leo Cunha (2001) e *Pequeninha*, de Mirna Pinsk (1998). E, ao mesmo tempo, comprovar que tais inovações contribuem fortemente para a ampliação vocabular desses leitores, tanto na linguagem falada quanto na linguagem escrita, além de demonstrar como o trânsito dos novos itens lexicais nelas encontrados comprova uma das principais contribuições dos neologismos para a literatura: dar dinamismo ao texto por seu caráter lúdico e bem humorado.

Teóricos e estudiosos do tema, em suas concepções e abordagens, consideram **neologismo** aquela unidade lexical que é sentida como nova na comunidade linguística e veem a literatura como um dos universos de manifestação discursiva em que a sua presença tem sido frequente.

O usuário de uma língua recorre ao neologismo ou para nomear novos objetos e conceitos, ou para se comunicar com sucesso. Isso ocorre quando o vasto acervo de unidades lexicais oferecido pela língua não é suficiente para expressar aquilo que se pretende comunicar com exatidão. Para tanto, utiliza-se dos seus conhecimentos lingüísticos para formar uma nova palavra que garanta sucesso na comunicação¹.

Os neologismos se encontram, no que tange à formação, num lugar especial do estudo morfológico, envolvendo aspectos que englobam, entre outros, as questões pragmática e estilística e, em suma, constituem uma presença inevitável na língua viva.

O estudo de neologia pode dividir-se em dois campos: neologia na língua e neologia na literatura. Apesar de, nos dois casos, haver um objetivo comum – o sucesso na comunicação –, existe um aspecto que afasta a abordagem de estudo uma da outra. Os neologismos utilizados na língua, se empregados em diversos contextos de comunicação e se bem aceitos pelos usuários, podem ser dicionarizados. Já as palavras criadas para um conto, um romance ou para um poema ficam presas a esse contexto e, diferentemente dos neologismos empregados em contextos de

¹ Vale lembrar que se denomina **neologia** o processo de criação de palavras e **neologismo**, o produto desse processo.

comunicação comuns, têm um valor de momento e estilístico. Sendo assim, no primeiro caso, podem ser abordados os processos de formação do neologismo, a sua frequência e a sua aceitação, fazendo-se assim um estudo lingüístico; e, no segundo caso, objeto mais específico do estudo aqui apresentado, é investigada a expressividade das criações de palavras dentro daquele contexto literário, fazendo-se, pois, um estudo estilístico.

Na literatura, os neologismos, como já foi dito, exercem uma função importante. Eles causam surpresa e estranhamento no leitor, obtendo expressividade. Essa expressividade só é alcançada pela nova unidade lexical quando combinada com outras palavras no nível da frase. O contexto é que determinará se o neologismo tem ou não valor para aquela obra. Esse contexto pode ser a frase, o capítulo ou o texto na sua totalidade.

Uma leitura mais acurada dos poemas de *Clave de Lua*, de Leo Cunha, uma das obras investigadas nesta pesquisa, nos coloca em sintonia com a voz do sujeito poético: “Uma andorinha só / não faz cantoria / Faz **cantorinha**”. O neologismo “cantorinha” pode ser visto, a priori, como resultado da pura inventividade do escritor, revela seu inegável conhecimento lingüístico, ao mesmo tempo em que a palavra criada decorre de sua inspiração literária. A criação desse novo item lexical, no âmbito do discurso literário, justifica-se, também, pela capacidade que a nova palavra tem de dinamizar o tecido poético, no qual sobressai ludicamente a leveza do humor provocado pelo trocadilho: cantoria/cantorinha.

Os versos citados do escritor mineiro norteiam e sintetizam o principal propósito do estudo aqui apresentado: o de demonstrar a função lúdica do neologismo na produção literária contemporânea para crianças e jovens. Conseqüentemente, o texto literário apresenta-se como *corpus* ideal para que se vivencie a língua materna em todas as suas possibilidades, estabelecendo uma relação de empatia que redunde em conhecimento, ludicidade e prazer. É preciso ainda considerar que os recursos expressivos da língua, ao transitarem esteticamente no cenário textual, em seus vários planos - fonológico, morfossintático e léxico-semântico -, dão forma à linguagem literária, resgatando o jogo verbal no que tange, não só à correção e à adequação, mas à inventividade lingüística.

Pensando, pois, na obra literária destinada aos jovens leitores, percebemos que o seu conteúdo/significado tem como expressão/significante a linguagem, a forma de que o autor se vale para tornar pública, entendida e apreciada (ou não) a sua história ou o seu poema, motivo pelo qual ela – a linguagem – torna-se fundamental na análise crítica de toda obra literária. No Brasil, um autor de grande importância por seus experimentalismos no campo da linguagem literária foi Monteiro Lobato. Precursor e inovador, provocou uma verdadeira revolução na

literatura infantil e juvenil não só em termos de conteúdo – por sua intensa brasilidade – como pela linguagem original e criativa, eminentemente coloquial, repleta de gírias, brasileirismos, construções inusitadas, com particular ênfase nos neologismos, muitos dos quais antológicos. Assim, quando o escritor de Taubaté dá voz ao narrador de *A chave do tamanho* e instiga Emília, a boneca arrelenta “fazedora de palavras”, a disparar a frase: “O algodão está **encimíssimo**”, demonstra conhecer a língua, bem como o inventivo universo infantil, em vários momentos sobrecarregado de superlativos. Isso, é bom lembrar, em 1921, por ocasião do lançamento de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, depois *Reinações de Narizinho*.

Grande parte da atual produção literária para crianças e jovens, como as três já citadas neste estudo², também se apresenta marcada por uma linguagem inovadora, reflexo de um tempo iconográfico e célere. Totalmente divorciada dos *inhos*, que menosprezam a inteligência da criança, e do excesso de adjetivação ou do purismo exacerbado que direcionavam os textos tradicionais para essa faixa etária, marcados pelo didatismo e as lições de moral, essa produção é encabeçada por autores pródigos no seu fazer. Embora escrevendo como adultos, conhecem o universo infantil quando assumem as vozes de crianças. Por isso, nas obras de bons escritores contemporâneos, a palavra criada é bailarina, natural, neológica e desliza sobre a tessitura textual executando malabarismos de toda ordem: sintáticos e semânticos. Os autores aqui referenciados, Leo Cunha, Ruth Rocha e Mirna Pinsky, conforme vamos analisar mais adiante, são pessoas de talento, porque demonstram conhecerem o sistema linguístico e se apóiam em sua sensibilidade e intuição de artífices e artesãos da palavra para se expressarem através de todos os meios que a língua lhes oferece - fônicos, morfo-lexicais, léxico-semânticos e sintáticos -, numa harmonia bem trabalhada para gerar expressividade, pois nada parece artificial ou gratuito. Trata-se de uma mistura saudável de recursos, que transforma a língua em um grande móbile e, longe de empobrecê-la ou descaracterizá-la, essa manipulação linguística exercida com genialidade e conhecimento lhe dá feição nova, ressaltando seu potencial expressivo. Por tudo isso, são bem-vindos os neologismos lexicais, numa conjugação equilibrada artesanalmente cujo objetivo é encaixar, como num quebra-cabeça, fenômenos lingüísticos aparentemente diversos. Em relação a *Marcelo*, *marmelo*, *martelo*, *Clave de lua* e *Pequeni-ninha*, por se tratarem de obras literárias, podemos dizer que os novos itens lexicais encontrados ocorrem por formação esporádica e não por formação institucionalizada. Segundo Rocha apud Bauer (1999),

² Daqui para frente, na citação de cada obra literária serão usadas as siglas CL (Clave de lua), P (Pequeninha) e MMM (Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias) e respectivas páginas.

Uma formação esporádica pode ser definida como uma palavra complexa nova, criada pelo falante/[escritor], sob o impulso do momento, para satisfazer alguma necessidade imediata. (...) Uma formação esporádica deixa de ser considerada como tal, ou seja, passa a ser uma formação institucionalizada, a partir do momento em que o item se torna familiar, isto é, conhecido de uma comunidade lingüística. (p.81),

Vamos exemplificar o que foi dito: Maia, a menina mágica de *Pequeninha*, ao sair do quarto escuro onde se encontrava, procura o botão de luz. “E quando tudo ficou claro, as gentes penduradas na parede deram um baita sorriso. E a cadeira de balanço que **nheque-nhequezava, nheque-nhequeizou** contente”. O verbo “nheque-nhequezar”, criado de acordo com a conhecida RFP (Regra de formação de palavras) a partir de uma onomatopeia (nheque-nheque), para significar o barulho do balanço da cadeira da avó, constitui uma formação esporádica, porque *nheque-nhequezar* não foi institucionalizado, isto é, trata-se de uma palavra inventada para compor o cenário fantasioso da ação perpetrada pela personagem. Essa nova palavra, dada sua expressividade, está aqui sendo estudada por fazer parte do acervo estilístico da autora, Mirna Pinsky. Como afirma Palo (2006, p. 41),

Pequeninha (palavra que não cabe inteira em seu nome) é uma produção que resgata um repertório diversificado do leitor-criança, dele exigindo a dinamização da imaginação: brincar com Maia, com as coisas do baú e, principalmente, com o ato de escrever. (...) Caso contrário, como Maia, ‘nunca que ia brincar com as coisas do baú’. Nem a criança, o leitor.

Na verdade, o que se quer afirmar aqui é que, para o leitor, ao ler esta e outras obras como *Clave de lua e Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*, a linguagem constitui a chave que abrirá as portas de um mundo novo, desconhecido, mas repleto de perspectivas fantásticas. Por meio dela, a literatura se concretiza. A palavra é o instrumento de que se utiliza o escritor para transmitir seu pensamento; por isso, manipulá-la de forma criativa, mas com clareza e eficiência, é o desafio proposto a quem usa a palavra artisticamente. Assim, o jovem leitor, ao dominar a palavra escrita, entra no jogo para se acostumar com ela, explorando-lhe as possibilidades, desvendando os seus mistérios, tendo prazer no seu convívio.

A linguagem se produz de modo integral quando intervem as estruturas fonológica, morfossintática e semântica. Crianças e jovens devem ser atraídos pela linguagem no que possa apresentar de lúdico ou poético, através do trocadilho inteligente, das imagens sutis, da paródia, do *nonsense*, dos fenômenos da polissemia e da homonímia, (re)discutindo o provisório da significação e conhecendo alternativas de usar a Língua Portuguesa de forma plena, sem

limitações a normas que reduzem e simplificam o fazer lingüístico. No presente estudo, os neologismos também são mantenedores dos traços estilísticos de cada autor.

A criatividade buscada na linguagem encontra-se na maneira de trabalhar, combinar e (re)aproveitar a imensa gama de recursos lingüísticos da língua materna, sendo criado, pelo escritor, um sistema eficiente, mas, sobretudo, instigante e original. As combinações lingüísticas engendradas resultam em marcas próprias que alcançam efeitos surpreendentes com fatos da língua simples e comuns, mas operacionalizados com mestria.

A palavra, considerada em diferentes níveis, numa abordagem lingüística plena, será apreciada, mesmo inconscientemente, porque possibilitará divertimento, aliado à sensibilidade. O texto, com tal tratamento, sem dúvida, "cutucará" o leitor mais resistente, envolvendo-o e conquistando-o definitivamente para manter viva a Língua Portuguesa nos seus variados desdobramentos e alternativas, sem teorias ou conceitos, apenas pela leitura atraente, passando, de maneira subliminar, um conhecimento, às vezes, não internalizado na escola.

As obras aqui estudadas apresentam, por todos esses motivos, qualidade lingüística e reconhecida qualidade literária. O discurso apresentado nos textos assenta-se sob bases tradicionais da língua, mas permanece revitalizado por enfoque lingüístico inovador, antenado a um mundo em constante mudança, como também mutável é a própria língua.

Como já foi dito anteriormente, os autores que se encaixam nesse perfil são verdadeiros artífices das palavras, trabalhando-as artesanalmente, garimpando, na infinita gama de possibilidades lingüísticas, aquelas que vão instaurar, via ficção, o toque mágico que abrirá corações e mentes. Buscam uma renovação constante, dinamizando a língua, explorando-lhe ao máximo as potencialidades, as suas diversas realizações.

No que tange às obras de Leo Cunha, Ruth Rocha e Mirna Pinsky, dentre outras marcas, o ludismo verbal responde pelo prazer maior do ato de ler. O seu fazer literário manifesta-se na articulação criativa dos planos fonológico, morfológico, sintático e semântico. A palavra é manipulada com mestria, assumindo a forma pretendida pelo talento do autor, submetendo-se docilmente, gerando as variações infinitas do jogo verbal que encanta e seduz. Natural e neológica como a própria criança. No estudo dos neologismos presentes *Pequeninha*, *Clave de lua* e *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*, destacam-se:

1. Neologismos formados por composição

Segundo INFANTE (1997, p. 118), o processo de composição é caracterizado pela “aproximação de palavras simples ou de radicais eruditos”. Este processo pode ocorrer de duas formas: por aglutinação ou por justaposição.

1.1.Composição por aglutinação: Se um dos elementos formadores “sofre alterações na sua configuração sonora, ocorre composição por **aglutinação**”(INFANTE, 1997, 118).

a) “Essa balada / baladainha / é para a fada da poesia”. (CL)

Com a aglutinação do morfema lexical, a palavra resultante passa a apresentar um aspecto semântico distinto, produzindo um novo significado na estrutura textual.

1.2.Composição por justaposição: Neste caso, os morfemas lexicais não perdem sua integridade sonora, pois são colocados lado a lado. As relações entre tais morfemas podem ser classificadas de diversas maneiras.

À luz dos conceitos de Sandmann (1992 p. 40), há uma relação de caráter subordinativo, pois nos compostos, as palavras apresentam sempre um elemento que é o núcleo (determinado/determinativo) e um elemento especificador (determinante/subordinativo). Dessa maneira, os compostos podem ser formados na ordem determinado/determinante. Alves (1990, p.44) aponta a “composição coordenativa”, na qual não há relação de subordinação, pois os morfemas lexicais tem igual distribuição, exercendo uma função sintática de coordenação. Basílio (1991, p.32/33) apresenta outra possibilidade de classificar os compostos formados por justaposição. Para ela, o processo de composição “objetiva caracterizar seres e eventos por meio da função de nomeação (...) que pode ser *descritiva* ou *metafórica*”. Nos casos em que os compostos exercem a função de *nomeação descritiva*, o significado é transparente, pois os seres e/ou eventos são denominados objetivamente, a partir de suas características mais relevantes:

a) “ – Suco de vaca, ora! Que está no **suco-da-vaqueira**”. (MMM)

b) “Carrinho, game, **kit de magia**”. (CL)

c) “Tem uma **giganta-mãe** de olho verde, que fala fininho”. (P)

2. Neologismos formados por derivação

De acordo com Infante (1997, p. 91) “a derivação consiste basicamente na modificação de determinada palavra primitiva por meio do acréscimo de afixos”. Por essa razão, o processo de derivação é bastante fecundo, pois a partir de uma base simples, o falante/escritor pode acrescentar novos afixos, fazendo surgir novas palavras de estruturas complexas. A composição por derivação acontece por prefixação, por sufixação e por prefixação e sufixação. No caso das três obras analisadas, foram encontrados casos de derivação sufixal:

a) “Sabem o que eu vi na rua? Um **puxadeiro** puxando uma **carregadeira**”. (MMM)

Nesse exemplo, embora no acréscimo dos sufixos *-eiro* e *-eira*, respectivamente, não se opere mudança de classe gramatical, isto é, as palavras resultantes não adquirem uma nova função, valoriza-se a linguagem literária e observa-se a perspicácia e inventividade da autora, Ruth Rocha, ao criar os neologismos. No entanto, a compreensão só pode ser feita a partir do conhecimento de mundo e da contextualização do neologismo no texto, pois o leitor precisa apreender o valor semântico atribuído ao novo vocábulo: *puxadeiro* (= burro) que puxa a *carregadeira* (= carroça)

3. Derivação imprópria ou conversão

Ocorre quando “uma palavra muda de classe gramatical sem alteração de seu corpo fônico” (SANDMANN, 1992, p.47).

“Ele assobia no beco, / ela sussurra na esquina, / e então o pai da menina / **neblina** todo de medo”. (CL).

Neblina representa um substantivo que é usado no sintagma oracional como um verbo.

Infante (1997) desconsidera a derivação imprópria como processo de formação de palavras: “A derivação imprópria pouco ou nada tem que ver com os processos de formação de palavras que estamos estudando (é por isso que se chama ‘imprópria’)” (p.136). Por não ocasionar mudanças nas formas das palavras, ela seria considerada um “processo semântico” e

não morfológico. Esta afirmação gera questionamentos, pois não se pode negar a importante contribuição da semântica para o surgimento de neologismos, mesmo porque ela está presente na maioria dos outros processos de formação de palavras.

4. Neologismos formados a partir de substantivos

“[Marcelo] chegava em casa e dizia: - Bom **solário** pra todos” (MMM).

Para substituir a expressão “bom dia”, o autor cunha “bom solário”. O neologismo “solário” surge do substantivo “sol” e valoriza o lúdico.

5. Neologismo criado a partir de verbo

“E Marcelo só chamava o cachorro de Latildo”. (MMM).

A autora, para dar maior expressividade ao texto, assim nomeia o cachorro do personagem Marcelo. O termo “Latildo”, como se observa, representa sonoramente a voz do animal e isso dá um certo toque de humor à cena.

6. Neologismos formados por onomatopéias

“E tinha também a coisa que fazia **nheque-nheque** [...] e **nheque-nhequezou** contente”.

Foi necessária a união de fonemas para a formação de uma unidade semântica. O segundo neologismo apresenta função verbal.(P)

Segundo Infante (1997, p.135), “a onomatopéia ocorre quando se forma uma nova palavra por meio da imitação de sons. A palavra formada procura reproduzir um determinado som, adaptando-o ao conjunto de fonemas de que a língua dispõe”. No exemplo dado, o som é o da cadeira de balanço da avó da menina.

Além dos já mencionados, podemos encontrar ainda nas obras analisadas os **neologismos semânticos**, aqueles decorrentes da mudança do conjunto de semas referentes a uma unidade lexical já existente em virtude da inclusão de um novo conceito para essa unidade. Diferentemente do que acontece nos outros tipos, na neologia semântica não ocorre modificação da forma da unidade lexical já existente. Acrescenta-se apenas um novo significado a um significante que preexiste no sistema.

Quando o conjunto de semas de uma lexia é ampliado, há polissemia. O novo significado pode ter um sentido figurado e é esse que muitos autores exploram em suas obras literárias. Tal qual os outros neologismos, o semântico pode ser empregado na língua ou na literatura, tendo, nesse último caso, um valor momentâneo e estilístico. Nas três obras analisadas, existem alguns neologismos desse tipo. Vejamos os exemplos:

a) “Toda noite em minha rua, faça chuva ou faça estrela, o galo vizinho esgoela seu gogó em clave de lua” (CL)

Como se percebe, o signo “estrela” é tomado metaforicamente para significar noite enlustrada, em oposição à noite chuvosa. Por outro lado, o canto noturno da ave fica desenhado na construção neológica “clave de lua”, parelha à expressão “clave de sol”, que indica na pauta a posição das notas musicais. Configura-se, então, o clima encantatório para a construção dos próximos cenários, território da poesia a ser edificada a partir de construções sonoras produzidas pela escala: “Po-e-si-a-sol-lá-si-dó / Dó-si-lá-sol-ao-meu-redor” (CL)

b) “Lá tinha a sala com o sofazão, o tapetíssimo, a mesona e as cadeironas. [...] Olhou em volta. Pela fresta da janela entrava um pouco de claridade. Outra vez viu gigantes. A camona, o pianão, o armariozão, um baú enorme e uma porção de gente pendurada nos quadros na paredona, olhando para ela”. (P)

Nas escolhas lexicais, Mirna Pinsky optou pelo uso intenso dos aumentativos enquanto recurso significativo capaz de fotografar a imagem que Maia, a menina-personagem, de aproximadamente cinco anos, tem do seu mundo circundante, representado por objetos “gigantes”.

Conclusão

Como foi aqui estudado, dentre os processos de formação de palavras, destacam-se a *composição* e a *derivação* como os mais utilizados. A *composição* é um processo inovador e “artesanal” por permitir a combinação das palavras de forma inédita. O autor que opta por este processo possui grande perspicácia e força criativa, assemelhando-se a um artesão quando cria e confecciona seus produtos, um a um. Já no processo de *derivação* uma mesma palavra primitiva pode dar origem a várias palavras, sendo alterada somente pelo acréscimo de afixos. Ao contrário da *composição*, ocorre uma produção em série. Os neologismos resultantes de cada processo são distintos, pois a unidade lexical formada por composição possui um sentido autônomo ou, muitas vezes, totalmente afastado do significado de suas bases; e a unidade lexical formada por derivação tem um sentido que está ligado ao sentido da base e mais um novo. Sendo assim, a palavra derivada mantém algo velho e traz algo novo.

Além destes dois, outros diversos processos contribuem para a inovação léxica em Língua Portuguesa. Nem todos foram apresentados na análise presente, mas nem por isso, deixam de ter o seu grande papel na ampliação da criação neológica.

O ludismo verbal exercitado pelos três autores multiplica-se em evidências. As palavras são, a um só tempo, instrumentos para o jogo e companhias no ato de jogar. Transformam-se em peças que possibilitam essa ludicidade, conduzindo os jovens leitores à participação na brincadeira. O jogo de palavras instiga a inteligência, mostrando as infinitas possibilidades do vir-a-ser lingüístico. Assim, no texto, há solicitação à presença e à cumplicidade desse leitor, um convite à obra, simples na transmissão de mensagens e complexa em consubstanciar-se na variedade dos fatores inerentes ao circuito comunicativo. Estamos diante de autores artífices que instrumentalizam seus textos em perfeita inter-relação de modalidades lingüísticas, ao lado de eficiente quebra de barreiras formais. Dirigem-se ao público infantil e juvenil, conjugando texto e leitor, na certeza de que a expressividade e a plenitude da língua se realizam ludicamente por todos e para todos, além do que se associam escolhas primorosas fornecidas pelo sistema lingüístico à eficácia no ato comunicativo.

A expressividade contida nos neologismos, nas três obras, é alcançada pela novidade e pelo estranhamento das construções. O leitor surpreende-se com a ousadia das criações. É possível, então, perceber que estes autores, cada um a sua maneira, tinha consciência do funcionamento da língua e dos seus limites. Constata-se, pois, que a obra literária constitui uma importante fonte propagadora e mantenedora de neologismos.

O escritor talentoso, que conhece o universo e a mundividência infantil, como também o sistema linguístico, expressa-se através de todos os meios que a língua oferece, sejam eles fônicos, léxico-semânticos ou morfo-lexicais, valendo-se, muitas vezes dos neologismos lexicais para gerar expressividade e dinamismo ao texto, de forma a transformá-lo em algo sedutor e prazeroso para o leitor. Nesse sentido, em vez de empobrecimento, é preciso reconhecer o enriquecimento lingüístico ou a revitalização do sistema, em decorrência da criação lexical, que se realiza funcional e esteticamente. Com isso, um ponto de interseção entre língua portuguesa e literatura se apresenta então na análise metalingüística dos processos de formação de palavras novas, que constituem também prova do manejo habilidoso com que tais autores trabalham a língua para produzir literatura.

Estas breves reflexões pretenderam, em primeiro lugar, atizar a curiosidade de leitores e professores para uma das particularidades do dinamismo da língua – a criação neológica – e oferecer mais uma possibilidade de leitura dos textos de ficção na sala de aula. Por outro lado, buscaram pontuar um dos elementos básicos da poética contemporânea – a renovação lexical – que se realiza na tessitura textual por meio da valorização dos recursos oferecidos pela língua e, a partir dela, sugerir uma nova possibilidade de trânsito dos estudos linguísticos e da literatura na escola.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990. Série Princípios.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos dos neologismos*. São Paulo: Global, 1981.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1991. Série Princípios.
- CUNHA, Leo. *Clave de lua*. São Paulo: Paulinas, 2001
- FERREIRA, Mauro. *Aprender e praticar gramática: 2ª grau*. São Paulo: FTD, 1992.
- INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 1997.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1991.
- PINSKY, Mirna. *Pequeninha*. Belo Horizonte: Miguilim, 1998.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

ROCHA, Ruth. *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias*. São Paulo: Salamandra, 1999.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992. Coleção Repensando a Língua Portuguesa.